

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Journal do BrasilClass.: 107Data: 23 de julho de 1987Pg.: 5**Empresário culpa IBDF
por risco para matas
com usinas em Carajás**

BELO HORIZONTE — O presidente da Abracave — Associação Brasileira de Carvão Vegetal, Marco Aurélio Machado, responsabilizou ontem o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) pelo desastre ecológico que ocorrerá na Amazônia a partir do Programa Grande Carajás, em função dos desmates de florestas nativas para a produção de carvão para projetos siderúrgicos, que terão uma capacidade de 1 milhão 700 mil toneladas por ano.

Marco Aurélio disse que, até agora, nem o próprio Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), com sede em Manaus, sabe que tipo de espécie de eucalipto, pinus ou planta nativa serviria para reflorestamento da região, como forma de se estabelecer uma atividade econômica racional. "O IBDF sempre foi o grande ausente e é, então, o grande responsável", acusou o presidente da Abracave, que congrega as empresas que fazem reflorestamento para produção de carvão e as usinas independentes de gusa e siderurgias integradas de aço que também reflorestem.

O presidente da Abracave não soube determinar que área de floresta, por exemplo, seria necessária para garantir uma produção de 1 milhão 700 mil t/ano de gusa, que é a capacidade nominal já aprovada pelo Consider (Conselho Nacional de Siderurgia) para o Grande Carajás. Mas salienta que somente as aparas de madeira produzidas pelas 400 serrarias existentes em Marabá (PA), seriam suficientes para gerar o carvão vegetal necessário para os três primeiros fornos de gusa, com capacidades variáveis de 60 mil t/ano a 90 mil t/ano, que entrarão em atividade em maio de 1988.

Erro — Marco Aurélio, que está presidindo a Abracave pela segunda vez, diz que o grande erro que se estabeleceu no país em termos de reflorestamento e exploração de matas nativas para a produção de carvão vegetal, foi o "tratamento brando, em vez do rigor da lei", por parte do IBDF. Uma Resolução que determina que, a partir de 1985, as usinas de gusa e siderurgia integrada deveriam ter um índice de 50% de produção própria de carvão vegetal de florestas homogêneas, atingindo auto-suficiência em 1995. Mas como não houve o cumprimento da lei em 1984, por "aplicações erradas ou desvios dos recursos do fundo de reflorestamento", o IBDF dilatou o prazo para que as empresas atinjam 50% em 1995 e deixou sem prazo a auto-suficiência.

— A proposta da Abracave para se preservar a Amazônia é de que se obrigue, desde já, as empresas a investirem em pesquisas e a usarem a sobra das serrarias no manejo sustentado da mata nativa — frisou Marco Aurélio, ao comentar que a Florestas Rio Doce — subsidiária da Vale do Rio Doce — levou para a região 20 espécies de eucaliptos e, por enquanto, somente uma (*camaldulensis*) deu sinais de adaptação.

— O ciclo completo do eucalipto é de 21 anos e Florestas está lá há quatro — afirmou o presidente de Abracave.